

O LEGADO DE STUART HALL (1932 - 2014)

Ana Lúcia de CASTRO<sup>1</sup>



Importante referência intelectual da segunda metade do século XX, Stuart Hall deixa-nos como legado um modelo de pensamento que alia, com muita sofisticação, engajamento político à uma rara sensibilidade para compreensão das dinâmicas culturais contemporâneas.

Crescendo numa Jamaica em situação colonial, com pai negro, jamaicano, e mãe oriunda de uma família que fazia parte dos brancos locais, experimenta desde cedo situações de tensões ligadas à questão racial e ao conflito colônia/império. Este dado de sua biografia, que o situa sempre em um local intermediário entre o branco e o negro, o colonizador e o colonizado, foi, por ele próprio, evocado como definidor para a crítica aos modelos de pensamento pautados em polarizações binárias e para suas reflexões acerca das identidades múltiplas e deslocadas.

Ao partir para a Inglaterra alguns anos antes da independência jamaicana, tinha na bagagem o desejo de ser escritor e ingressa em Oxford para cursar Letras. A atmosfera intelectual que passa a respirar é fundamental para o desenvolvimento da trajetória de seu pensamento, marcada pela efervescência que gestou a **nova esquerda** e os **estudos culturais**. Neste contexto, Hall depara-se com a vigência hegemônica da tradição canônica da crítica literária inglesa, liderada por F. R. Leavis, que, na esteria de Matthew Arnold e T. S. Eliot, via a “grande tradição” como um remédio para problemas sociais de sua época. Leavis acreditava que a cultura e a democracia teriam sido inexoravelmente colocadas em oposição, sendo impossível reconciliá-las. Assim, aquilo considerado como literatura, ou seja, as **grandes**

---

<sup>1</sup> UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Antropologia, Política e Filosofia. Araraquara - SP - Brasil. 14800-901 – castroanalucia75@gmail.com

**obras**, seria uma fonte de valores estéticos e morais que ofereceria a salvação para a decadência presente na vida contemporânea, decorrente da mercantilização da cultura.

Neste cenário, Hall toma contato com intelectuais recém saídos do Partido Comunista da Grã-Bretanha e de forte orientação marxista. Parte desse grupo saiu do Partido, rompendo com a ortodoxia que vinha da então União Soviética, quando as notícias das atrocidades cometidas pelo governo de Stalin vieram à tona e, sobretudo, quando da invasão soviética da Hungria, em 1956. A partir de então, o alinhamento de alguns pensadores marxistas com o Partido Comunista foi rompido e fazia-se, pois, necessário repensar as bases para a transformação social. Alguns destes intelectuais, como Raymond Williams, Edward P. Thompson e Richard Hoggart, formaram o que ficou conhecido como “Nova Esquerda”. Este movimento posicionou-se ao mesmo tempo contra o elitismo e o conservadorismo de pensadores identificados com o que então se convencionava chamar **de direita** e contra o dogmatismo e o reducionismo da chamada **esquerda stalinista**.

Estes intelectuais também tinham uma inserção nas universidades tradicionais britânicas, onde passaram a desenvolver projetos de intervenção política na sociedade. Assim, tornaram-se professores da Workers Educational Association, uma associação que oferecia educação regular e gratuita a trabalhadores pobres, onde Stuart Hall também lecionou. Preocupados com uma educação pública que divulgasse e defendesse os valores da cultura comum desses operários, em oposição aos valores gerais defendidos pela elite, eles se propuseram a repensar o conceito de cultura, buscando dissolver a distinção entre alta e baixa cultura, correspondente à cultura erudita e cultura popular.

O envolvimento com o grupo dos *cultural studies*, liderado por Raymond Williams<sup>2</sup>, o levou a alinhar-se à oposição radical que se erigia à linha canônica de F. R. Leavis, crítica pautada, fundamentalmente, na problematização acerca das relações entre o texto literário e o contexto social de sua produção. O contato com Williams o levou a outra importante referência dos estudos culturais ingleses, Richard Hoggart, de quem foi assistente na fundação, em 1964, do atualmente histórico CCCS - *Center for Contemporary Cultural Studies*, em Birmingham, cuja direção ficou, posteriormente, a cargo de Hall.

Embora Hall não se proclame um fundador ou mentor dos estudos culturais, sua importância para a consolidação e difusão desta (in)disciplina, como ele mesmo chamava, foi fundamental, e as marcas dela em sua reflexão são claramente identificáveis.

---

<sup>2</sup> Na ocasião da morte de Williams Hall declarou publicamente ter ele sido sua maior influência intelectual.

Nos estudos culturais, é forte a preocupação de lançar luz ao sujeito e suas possibilidades de apropriação e resignificação dos sentidos hegemonicamente construídos. Ao trabalharem mais sistematicamente – embebidos pela influência do pensamento gramsciano – com a ideia de resistência, os autores ligados a esta vertente sugerem que o indivíduo não é mero reprodutor das estruturas, e recuperam a ideia de uma correspondência dialética entre os agentes e as instituições. Os temas da recepção dos meios massivos, dos estilos de juventude, do corpo, dos conflitos raciais, das relações de gênero, da subjetividade, da identidade e do consumo, emergem dessa preocupação com o modo como a ideologia- enquanto sistema de ideias - é vivenciada, e passam a ser trabalhados a partir de universos empíricos claramente recortados. Opera-se, portanto, uma revisão cabal da noção de ideologia como falseamento ou ocultação do real, e da metáfora marxista acerca da superestrutura como reflexo da base material (WILLIAMS, 1979).

Nesta perspectiva teórica construída pelos estudos culturais,<sup>3</sup> a cultura é entendida como “ordinária”, em contraposição à noção de cultura como “extraordinária”, destacada das práticas vivenciadas cotidianamente e sinônimo de “erudição”. Além de ordinária, a cultura, nesta perspectiva, é concebida como “todo um modo de vida”, portanto não como um reflexo, mas constitutiva das relações de produção. A pesquisa levada a cabo por Hoggart (1992), por exemplo, dirige o foco da atenção para revistas de comportamento, um tipo de material até então desprezado, inaugurando um novo olhar para a cultura popular de massa<sup>4</sup>, até então entendida apenas como forma de alienação, instrumento ideológico a serviço dos interesses da dominação. A partir da perspectiva inaugurada pelos estudos culturais, o foco da atenção dos pesquisadores volta-se, de um lado, para as maneiras pelas quais os conteúdos dos meios de comunicação de massa acionam e atualizam elementos da cultura popular, entendida como matriz cultural, e de outro, para a maneira como são vividos (sentidos e experimentados) nas práticas cotidianas. Neste sentido, eles se opõem às interpretações derivadas da reflexão adorniana acerca da indústria cultural, que pressupõem existir, no universo massivo, apenas submissão e reprodução, apontando também as apropriações, resistências e produção de sentido por parte dos receptores.

---

<sup>3</sup> Vale dizer, notadamente interdisciplinar, ao envolver história, antropologia, letras e literatura e estudos de comunicação.

<sup>4</sup> Vale lembrar que na tradição intelectual inglesa, o termo “cultura popular” envolve a “cultura de massa”. Nesta esteira, Jesús Martín-Barbero propõe o uso do termo “popular de massa” para referir-se aos produtos culturais massivos que, como pressuposto, guardam relação com a matriz cultural “popular”.

As ideias seminais de Hoggart certamente informaram a reflexão de Hall acerca do discurso e da representação, que, para ele, pressupõem a natureza difusa e provisória do significado, cuja relação com o significante é produto de convenções socialmente construídas. Nesta linha, portanto, os significados, sempre sujeitos à mudança, jamais podem ser considerados verdadeiros, únicos, imutáveis, universais. Instáveis, os significados são resultado de um jogo, em que novas interpretações podem assujeitar o significado constantemente, ligando-o a novas leituras de conceitos e/ou valores. Em consequência, o leitor passa a ser tão importante quanto o escritor para a produção de significados.

Neste sentido, Hall manteve, também dos estudos culturais originários, a preocupação com os esquemas de significações, ou com aquilo que R. Williams denominou como **estrutura de sentimento**, preocupação que se desdobra nos estudos acerca das mediações entre mídia e sociedade, também conhecidos como **estudos de recepção** (HALL, 1999).

O inevitável diálogo encetado com Foucault é explicitado na discussão acerca do sujeito, que se desdobra, na análise de Hall, em duas linhas de reflexão: uma sobre os processos de identificação e a crítica aos essencialismos e outra sobre a ação histórica do sujeito. Com relação à primeira frente, é conhecida a distinção proposta por Hall entre três concepções de sujeito, correspondentes, respectivamente, a três períodos históricos: a do iluminismo, portador de uma identidade constituída pela razão, aut centrada; a concepção de sujeito proposta pela sociologia que tem sua identidade constituída no jogo das interações sociais e a do **sujeito descentrado**, correspondente à contemporaneidade. Esse **sujeito descentrado** seria o produto da multiplicidade de sistemas de representações que propiciam a gama de identificações possíveis. No lugar de uma identidade unificada, que marca toda uma vida, coloca-se a ideia de uma “narrativa do self”, que confere o sentido de coerência e continuidade aos indivíduos (HALL, 2000).

No que toca ao segundo desdobramento, ou à segunda linha de reflexão, desenvolve-se a preocupação com o sujeito da ação histórica, que não mais entendido como sujeito da consciência, e da consciência de classe, torna-se o sujeito que assume uma posição no discurso, e que pode vir a ser sujeito da enunciação, sujeito político, a partir de suas experiências diferenciadas no mundo social (FOUCAULT, 2002). Trata-se, neste sentido, de analisar a relação entre sujeitos e formações discursivas, com vistas a indicar os processos e mecanismos que levam à tomada de determinadas posições.

Neste ponto, Hall chama a atenção para um importante desdobramento possível da reflexão de Foucault, aos nos mostrar que seus trabalhos mais tardios apontam para a ideia de que o exercício do poder pressupõe um **lugar** para o sujeito, uma vez que os discursos, ou **regimes de verdade**, só ganham sentido a partir do posicionamento dos sujeitos, ou pelo **processo de subjetivação**, pelo qual os sujeitos **lidam** com as formações discursivas, ao produzirem a *narrativa do self*.

Vale ressaltar que a identificação deste espaço de agência individual não confere ao sujeito autonomia ou o lança no reino da liberdade individual, mas nos permite identificar um momento no processo de subjetivação em que o indivíduo se situa, assume um posicionamento, mediado social e culturalmente. Ao cunhar a noção de **articulação**, Hall busca dar conta de descrever o processo que leva o sujeito a posicionar-se no interior de uma formação discursiva. E a noção carrega os dois sentidos que a palavra assume na língua inglesa: o de falar, articular e o de conectar dois elementos que podem constituir uma unidade, sempre circunstancial (HALL, 1997). Dentre o legado do projeto intelectual desenvolvido por Hall, fica o desafio às ciências sociais, de demonstrar os processos de formação e articulação dos discursos e sujeitos, que são constituídos simultaneamente, não havendo uma anterioridade de um ou outro, visto que os sujeitos só podem se articular a partir de discursos. Para levar tal tarefa a cabo, é necessário buscar a *différance* múltipla no interior das diferenças binárias (preto/branco; homem/mulher; dominador/dominado), salientando as intersecções entre raça, classe, gênero e etnia.

Por fim, Hall nos deixa como um de seus ensinamentos, que as diferenças culturais, sempre inscritas nas relações de poder, não ocupam espaços fixos e imutáveis no jogo de representações e nos decorrentes posicionamentos políticos, mas posições transitórias e mutáveis, ocupadas por **sujeitos descentrados**, que ao se manifestarem discursivamente, constituem-se como sujeitos de resistência. Dentre as suas contribuições mais importantes, ele nos deixa a aposta na diversidade e na possibilidade de construir análises críticas para os conflitos culturais que marcam a contemporaneidade, sem que se resvale para reducionismos ou simplificações binárias. Uma espécie de alento para aqueles que, atualmente, se dedicam à elaboração de um pensamento humanista e, conseqüentemente, inconformado.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Ed., 2002.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

\_\_\_\_\_. Encoding/Decoding in television discourse. In: MARRIS, P.; TORNHAM, S. (Org.). **Media Studies: a reader**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999. p.41-49.

HALL, S. (Ed.) **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Sage: Open University, 1997.

HOGGART, R. **The uses of literacy: aspects of working class life**. London: Penguin Books, 1992.

WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.